

# UM ORDÁLIO PARA IRENE

## SCHMEDER

UM FAMOSO CRIME PASSIONAL FRANCÊS, VÉSPERAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUA RELAÇÃO COM O MAIS ESTRANHO RITUAL DO TABERNÁCULO DE MOISÉS.



Wellington Corporation



"Le Domme" café Parisiente foto 1936

Os últimos anos que antecedem a segunda guerra mundial impactaram os folhetins e jornais da França por um crime passionnal que, ultrapassando as fronteiras europeias foi história de repercussão internacional.

THE SYDNEY MORNING HERALD. MONDAY, MARCH 8, 1937.

## SHOOTING IN 'PLANE.

### Charge Against Woman.

PARIS, March 7.

There was a touching scene when Madame Irene Schmeder-Chapellut met the airman she is accused of attempting to murder, M. Lalle-mant, in the examining magistrate's room, for the first time since the shooting.

The woman burst into tears and sobbed, "Forgive me." Lalle-mant replied, "With all my heart." He added that he never intended to accuse her. He admitted that Madame Schmeder-Chapellut threatened to commit suicide, but he said he did not take her seriously.

[The woman is accused of shooting and wounding Lalle-mant while they were flying in an aeroplane on December 30. After Lalle-mant staggered from the machine, with a bullet wound in his neck, Madame Schmeder-Chapellut flew the machine across the English Channel and landed in Sussex.]

Na mais romantica capital do mundo, o "L'Affaire Schmeder" em cerca de 1936/37 era uma causa célebre em Paris. Como se poderia esperar, um julgamento fruto de um crime passionai.

Os fatos são de tal ordem fantásticos, que se você não estiver ciente de está lendo um fato relatado, seria fácil acreditar que estaria lendo um romance ou um roteiro de um produção cinematográfica.

Ainda que passados mais de 80 anos da situação, aficionados em histórias românticas colecionaram cerca de cem páginas de notícias sobre o caso amoroso, conhecido por "l'affaire Schmeder.

Madame Irene Schmeder era, à época dos eventos citados, casada com um magnata de sobrenome Chapuellut, homem de ricas posses. Madame Schmeder era então uma das mais ricas mulheres de sua época. Desde a Primeira Guerra mundial fora apaixonada pela aviação. Alguns anos antes de seu julgamento, por volta de 1933, deu início à aulas de pilotagem e alcançou seu brevê de piloto, com auxílio de um instrutor de voô de quem se tornou amiga e confidente, Pierre Lallemand, alguns anos mais jovem que ela.

Os dois eram afcionados por acrobacias aéreas e tornaram-se amantes com o passar do tempo. Eles pilotavam normalmente um Morane 341. O Morane-Saulnier MS.341 era um avião de treinamento de asas tipo parasol, monomotor. Um avião de turismo construído na França em meados da década de 1930. Tinha dois cockpits abertos em conjunto e era vendido para proprietários privados, clubes e até para a força Aérea Francesa, a famosa "Armée de l'Air".



Irene tentará matar a Pierre durante um voô de acrobacia, comentendo um crime passionai.

Em 20 de dezembro, 1936, o casal está voando, tendo a Pierre Lallemand no comando de um Morane 341. Irene Schmeder está assentada logo atrás dele, no cockpit anterior. Quando eles atingem a altitude de 400 metros ela saca um revólver e atira nele pelas costas. A bala se alojou perto da coluna. Ela imaginou que fosse matar a Lallemand, e morrer em conjunto. Entretanto, Pierre não morre, lutando para pousar o avião para

tentar salvar sua vida. Apesar de fatalmente ferido, ele consegue alcançar o chão e escapar. Da queda e de Irene. O avião pousou sem graves danos, ainda na França.

Irene Schmeder, por sua vez, retorna ao ar. Levando o avião em direção à Inglaterra, onde finalmente será encontrada após um pouso difícil, que lhe causou diversos ferimentos.

O pano de fundo para o crime pode ser resumido da seguinte forma:

- Uma jovem mulher se casa com um homem mais velho e rico
- Ela treinava constantemente, voando e avançando para realização de acrobacias
- Seu instrutor de acrobacias é um jovem arrojado, alguns anos mais novo que ela
- Ela iniciou um caso com o instrutor e tornou-se sua amante
- Ela deseja casar-se com o instrutor
- Ela pede ao marido um divórcio, que ele recusa devido ao estigma social que a sociedade imputava à época a essa situação
- Seu instrutor vinha de uma família católica romana, portanto ele não estava igualmente disposto a casar-se com uma divorciada.
- O instrutor começou a relacionar-se com outra mulher e declarou antecipadamente para Irene sua intenção de se casar com ela.
- Desprezada por seu amante, a Irene fica deprimida e resolve assassinar a Pierre e cometer suicídio em seguida.
- A tentativa de assassinato, acontecerá no céu de Villacoublay, onde os dois amantes, aviadores, treinam juntos para as acrobacias.

## Le 20 décembre 1936 dans le ciel : Irène Schmeder tente de tuer son amant en plein vol



Publié le 20 décembre 2014 à 00h03 par Stéphanie Meyniel  
dans [Histoire](#) - [1 commentaire](#)

**Histoire de l'aviation** – 20 décembre 1936. En ce 20 décembre 1936, va se jouer dans les airs un drôle de drame : pas moins qu'une tentative d'homicide sur la personne de Pierre Lallemand, commise par l'amie de ce dernier : Irène Schmeder, en réponse à un fort sentiment de trahison. Irène Schmeder n'ayant pas supporté d'être éconduite par son amant.

Pas question, en effet, pour Pierre Lallemand de l'épouser, une fois qu'elle serait divorcée... de plus, Irène Schmeder doit le partager avec une autre femme. Ça en est trop pour elle, qui va alors préméditer le meurtre, il aura lieu dans le ciel de Villacoublay, où les deux amants, aviateurs, s'entraînent ensemble à la voltige.

Ce 20 décembre 1936, le couple prend alors son envol, Pierre Lallemand placé aux commandes d'un Morane 341, Irène Schmeder installée juste derrière lui, ils atteignent alors l'altitude de 400 mètres et là, elle sort son revolver et lui tire dessus, une balle venant se loger près de la colonne. Pierre Lallemand n'a alors de cesse de tenter d'atterrir pour essayer de sauver sa vie... Pas mortellement blessé, il réussira à rejoindre le sol et à s'enfuir. Irène Schmeder, de son côté, reprend le chemin des airs, direction l'Angleterre, où elle sera finalement retrouvée ; un atterrissage difficile lui ayant occasionné des blessures.





O Morane Saulnier era de propriedade de Mme. Schmeder, presente de seu esposo na época do voo fatídico. Juntos, Pierre e Irene, decolaram a partir do aeródromo de Villacoublay, Paris, com a intenção de voar para Chartes, aeródromo próximo. Mme Schmeder no cockpit traseiro e M. Lallemand no cockpit frontal. Mme. Schmeder possuía em sua bolsa um revólver 6mm.



Depois de pouco tempo no ar, atira em Lallemand pelas costas. Felizmente para ele, a bala não acerta sua espinha e apesar de sua lesão, é capaz de pousar o avião com segurança.

Ambos desembarcam, mas enquanto M. Lallemand foge para a estrada mais próxima, ensanguentado, Mme. Schmeder retorna ao avião e decola. Depois disso ela testemunhou em seu julgamento que voava sem rumo por um tempo, com a intenção de cometer suicídio em remorso pela morte de seu amante – quando ela imaginou que Pierre tivesse morrido. Eventualmente se encontrava sobre a costa do Canal da Mancha

quando condições climáticas adversas a forçam a sair do mar, chegando à costa de Sussex. Ficando sem combustível, ela faz um pouso forçado em Selsey.

Nesse meio tempo, Pierre Lallemand encontrou ajuda, relata o incidente aos gendarmes (polici civil francesa da época) e é levado ao hospital. Felizmente, sua lesão não é grave e, **em menos de vinte dias**, ele é liberado do hospital, fato que acabará por salvar a Sra. Schmeder da guilhotina, (pena de morte realizada na França até 1981). Entretanto, a ligação entre as autoridades francesas e britânicas conduz a captura de Mme. Schmeder. Foi presa na prisão de Holloway, atendendo a processos judiciais no Tribunal de Magistrados de Bow Street e finalmente, extraditada para ser julgado na França pela tentativa de assassinato de Mister Lallemand.

Sendo presa na França, enquanto aguardava o julgamento, Mme. Schmeder faz repetidas aparições diante do magistrado investigador. Ela admite o crime, afirma que não foi premeditado e implora a M. Lallemand que a perdoe. Como resultado do estresse, ela afirma, que sofre episódios repetidos de desmaios, enquanto sob custódia, e há suspeitas de que ela possa estar grávida. Apesar de tudo o que aconteceu, seu marido (e sua família) permaneceu ao seu lado. Finalmente chegou a julgamento em dezembro de 1937.

O desenlace a esta história é que o júri não é chamado a finalizar um veredito na conclusão do julgamento. Pouco antes disso, o governo francês aprovou uma legislação que anistiava aqueles que cometiam crimes de violência, onde a lesão fosse tal que a **vítima não ficasse incapacitada para trabalhar por mais de VINTE dias**.

O que sinaliza uma INTENSA BATALHA PARA MUDANÇA da legislatura que beneficiariam a réu, por debaixo dos panos. Chapuellut usou dos recursos financeiros e contatos com a alta sociedade certamente gastando quantias consideráveis de dinheiro para tentar o impossível, a inevitável a condenação à morte de Irene.

A mudança da legislação revela uma história não contada, em que até os registros médicos do hospital de M. Lallemand foram levados em conta, para que a quantia EXATA de dias necessários para desconsiderar o crime fosse levados em conta. Assim, não havendo nenhum crime a ser imputado contra Mme. Schmeder, ela saiu da corte e a sombra da guilhotina se ergueu definitivamente sobre ela.

Essa foi, certamente, um das histórias mais interessantes das mulheres aéreas francesas. Madame Irene Schmeder, que atirou em seu amante quando ela o levou para o outro lado do canal porque *ele disse a ela que o romance estava terminado*. Depois que ele a abandonou, ela o abandonou. Chocada com o crime que ela mesmo cometera, bateu o avião que **fora dado a ela por seu marido milionário** para marcar seu sucesso como piloto em várias corridas aéreas européias. O avião realizou um pouso forçado uma fazenda em Kent, Inglaterra e ela foi resgatada pelo proprietário da fazenda e por sua família.

Há uma lista de propriedades encontradas na posse da Madame Irene Schmeder quando ela desembarcou em Selsey em monoplane F / AMOP em 20 de dezembro de 1936:

Um cartão de membership de pilotagens.  
Um cartão de visita (Irene Schmeder Chapuellt)  
Um altímetro.  
Uma peça de fone de ouvido e tubo.  
Dois pares de óculos de proteção no caso.

**Um mapa de ar da França.**

Um mapa de ar de Paris.  
Um case/protetor para certificados de voo, etc.

**Dois capacetes de aviadores.**

**Dois edredons de lã branca.**

**Dois pares de luvas de couro (1 azul e 1 marrom).**

Um estojo de óculos de alumínio.  
Uma sacola de ferramentas.  
Um balde de lona.  
Um envelope contendo correspondência.  
Um par de óculos.  
Um par de botas de borracha.  
Um pente.

**Dois pára-quedas.**

Um par de calças especiais de aviação.

A lista de pertences demonstra *planos que não se cumpriram*. Algo aconteceu durante o vôo. Certamente foi enquanto voavam que o infeliz instrutor decidiu contar para Irene seus planos de casar com outra.

Levada para a casa do fazendeiro, um médico foi convocado. Enquanto se recuperava em Kent, Irene tornou-se amiga da família e manteve contato com eles durante seu julgamento na França, onde foi absolvida. **Em 1938 a família a convidou para o casamento de sua filha.**

Era véspera da Segunda Guerra Mundial. Não há mais nenhuma referência a Mme. Schmeder ou M. Lallemand **depois de dezembro de 1938**. Nessa época a França foi tomada por nazistas, milhares de famílias deportadas, ou mortas. Não há mais relatos sobre o que aconteceu depois, nem com Irene, nem com Pierre ou com a família Chapuellt.

O eco do romance insano, mostra **a complexidade das relações humanas**. Demonstra a fragilidade da emoção humana, e como os sentimentos transtornados podem se transformar de amor em ódio, de afeição em loucura, de amizade em assassinato em questão de instantes.

E à luz desse trágico *affaire* francês nós conseguiremos enxergar uma das mais intrigantes, e ao mesmo tempo, maravilhosas passagens das Escrituras.

O ciúme levou a crimes passionais em todo o mundo. E **o crime passional gerou guerras**. Leis foram criadas para proteção do casamento e da exclusividade da relação do casal, para evitar a chacina, para evitar " **arma de 6mm na mão de Irene num avião a 400 metros de altura**", ainda que ocorresse por ciúme gerado dentro da legitimidade de uma relação.



Dentro do livro mais criticado e abominado de todos os livros do Velho Testamento, no livro de Levítico, **Deus irá transtornar o sentido da religião, fazendo algo tão absurdo como belo.** Tão incoerente, tão louco que não nos dá chance se não de ficarmos aturdidos.

Através da **ordália** da mulher acusada de adultério.

Ordália era um tipo de prova judiciária usada para determinar a culpa ou a inocência do acusado por meio da participação de elementos da natureza e cujo resultado é interpretado como **um juízo divino.** Ou **juízo de natureza mágica.**

A ordália consistia em submeter o(a) acusado(a) a um desafio para que ele(a), assim, provasse sua inocência, pois acreditava-se na intervenção divina durante a prova proposta, ou seja: se o(a) acusado(a) fosse inocente, Deus intercederia como em um milagre e a pessoa não sofreria as consequências do desafio imposto pela ordália.

A primeira ordália oficialmente narrada está no Código de Hamurábi.

Tribunais dos povos antigos atiravam quem presumiam culpados, mas não tinham provas ou certeza, num rio, por exemplo. (Código de Hamurabi). Devidamente amarrados. Se sobrevivesse, era tido como “justificado” pelos deuses. Algumas civilizações davam venenos para ingestão, faziam homens enfrentar animais, ou ficarem dias em florestas perigosas. Deixavam a “natureza” decidir quando esgotavam as provas humanamente cabíveis. Diversas civilizações assim o fizeram.

Apesar de perder importância na prática jurídica com o passar do tempo, as ordálias continuam vivas no Ocidente— pelo menos a ideia de *provação*.

Acostumou-se a chamar de ordália qualquer teste **para uma pessoa entrar em alguma sociedade ou grupo restrito**, como **uma prova de que aquela pessoa está apta a fazer parte do grupo.** Além disso, estas provas contemporâneas na maioria das vezes não causam dor ou desconforto físico para a pessoa que está cumprindo a ordália.

As Escrituras irão propor algo semelhante. **Uma Ordália.** Só que uma de caráter EXCEPCIONAL. Uma ordália urdida com segundas intenções. Uma excepcional trapaça divina.

Números 5:11-31

Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo:

Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando a mulher de alguém se desviar, e transgredir contra ele, de maneira que algum homem se tenha deitado com ela, e for oculto aos olhos de seu marido, e ela o tiver ocultado, havendo-se ela contaminado, e contra ela não houver testemunha, e no feito não for apanhada,

**E o espírito de ciúmes vier sobre ele**, e de sua mulher tiver ciúmes, por ela se haver contaminado, ou **sobre ele vier o espírito de ciúmes, e de sua mulher tiver ciúmes, não se havendo ela contaminado...**, Então aquele homem trará a sua mulher perante o sacerdote, e **juntamente trará a sua oferta por ela; uma décima de efa de farinha de**

**cevada, sobre a qual não deitará azeite, nem sobre ela porá incenso, porquanto é oferta de alimentos por ciúmes**, oferta memorativa, que traz a iniquidade em memória. E o sacerdote a fará chegar, **e a porá perante a face do Senhor**. E o sacerdote tomará água santa num vaso de barro; também tomará o sacerdote **do pó que houver no chão do tabernáculo**, e o deitará na água. Então o sacerdote apresentará a mulher perante o Senhor, e **descobrirá a cabeça da mulher**; e **a oferta memorativa, que é a oferta por ciúmes, porá sobre as suas mãos**, e a **água amarga**, que traz consigo a maldição, **estará na mão do sacerdote**. E o sacerdote a fará jurar, e dirá àquela mulher: Se ninguém contigo se deitou, e se não te apartaste de teu marido pela imundícia, destas águas amargas, amaldiçoantes, **serás livre**. Mas, se te apartaste de teu marido, e te contaminaste, e algum homem, fora de teu marido, se deitou contigo. Então o sacerdote fará jurar à mulher com o juramento da maldição; e o sacerdote dirá à mulher: O Senhor te ponha por maldição e por praga no meio do teu povo, fazendo-te o Senhor consumir a tua coxa e inchar o teu ventre. E esta água amaldiçoante entre nas tuas entranhas, para te fazer inchar o ventre, e te fazer consumir a coxa. Então a mulher dirá: Amém, Amém.

Depois o sacerdote escreverá estas mesmas maldições num livro, e **com a água amarga as apagará**. E a água amarga, amaldiçoante, dará a beber à mulher, e a água amaldiçoante entrará nela para amargurar. **E o sacerdote tomará a oferta por ciúmes da mão da mulher**, e moverá a oferta perante o Senhor; e a oferecerá sobre o altar. **Também o sacerdote tomará um punhado da oferta memorativa, e sobre o altar a queimará; e depois** dará a beber a água à mulher.

E, havendo-lhe dado a beber aquela água, será que, se ela se tiver contaminado, e contra seu marido tiver transgredido, a água amaldiçoante entrará nela para amargura, e o seu ventre se inchará, e consumirá a sua coxa; e aquela mulher será por maldição no meio do seu povo. **E, se a mulher se não tiver contaminado, mas estiver limpa, então será livre, e conceberá filhos. Esta é a lei dos ciúmes**, quando a mulher, em poder de seu marido, se desviar e for contaminada; Ou quando sobre o homem vier o espírito de ciúmes, e tiver ciúmes de sua mulher, apresente a mulher perante o Senhor, e o sacerdote nela execute toda esta lei. E o homem será livre da iniquidade, porém a mulher. levará a sua iniquidade.

Números 5:11-31

**Essa é a mais bruxuleante de todas as cenas do Velho testamento.**





Ela é uma versão absolutamente MÁGICA do ordálio ou ordália; muitas vezes, mais do que uma busca por justiça divina, somente um ritual de maldição, de contaminação, de destruição e de vergonha.

Começa com uma *família em decomposição*, uma esposa que cometeu um ato de adultério ou não, sendo exposta a um ritual público de humilhação, sendo exposta a uma situação tipicamente machista e de acordo com os códigos vigentes de toda a terra. O elo mais fraco da sociedade, desamparada da proteção do único que pode lhe conceder amparo, o marido, é colocada à mercê de uma realidade mágica, um poder que poderá DESFIGURÁ-LA para sempre, tocando nos dois bens mais preciosos de uma mulher oriental da época, sua BELEZA e sua capacidade de ser mãe. O que está por detrás da cortinada não é um Deus amoroso, é antes um poder cruel que independente das razões que lhe levaram a pecar, ou a trair, a transformaria num PÁRIA, numa mulher abandonada, humilhada, rechaçada. Não seria aceita por seus pais, seu marido receberia imediato direito ao benefício de uma carta de divórcio. Ela traria em seu corpo a marca de uma tragédia familiar que por vergonha quis ocultar e que agora tornaria bem público e motivo de chacota eterno.

### **Ou não.**

O Deus do Antigo Testamento, condenado por suas contradições, o Pai, se revela em toda sua plenitude neste ritual.

Querem saber quem é Deus? Querem entender o Velho testamento? Sua natureza? **E seu conhecimento sobre a natureza das paixões humanas?**

Tudo é feito de modo SOLENE, declarada na LEI, revestido de SACRALIDADE. Envolvido num manto de mistério e em tradições SACERDOTAIS eternas, dadas como orientação PERPETUA, com ordem de ser realizada pelo mais SAGRADO dos homens de Israel, pelo Sumo-Sacerdote dentro do lugar da terra considerado como mais sagrado, o tabernáculo.

E ali, no lugar onde toda a nação de ISRAEL é chamada para o PERDÃO dos pecados, uma possível pecadora não obterá o DIREITO a remissão dos pecados, antes foi CONVOCADA através do ciúme doentio, para um ritual de CONDENAÇÃO.

E aqui desvenda-se o mistério...

Descartes discorre sobre o ciúme: "O ciúme é uma espécie de temor, que se relaciona com o desejo de conservarmos a posse de algum bem; e não provém tanto da força das razões que levam a julgar que podemos perdê-lo, como da grande estima que temos por ele, a qual nos leva a examinar até os menores motivos de suspeita e a tomá-los por razões muito dignas de consideração".

A combinação de amor, ciúme e tragédia, que sempre pontuou as crônicas policiais... O Mada (Mulheres Que Amam Demais Anônimas), que existe há 18 anos no Brasil, acolhe mulheres que se encontram em relações destrutivas. "Ter ciúme é uma característica comum de todas nós, mas apenas algumas apresentam um quadro de ciúme patológico", diz uma integrante do grupo. Seguindo uma versão adaptada dos 12 passos do grupo Alcoólicos Anônimos (AA), as mulheres do Mada, que possui mais de 30 pontos de encontro pelo País, procuram evitar os comportamentos destrutivos, um dia de cada vez. "Através do depoimento das outras mulheres, consigo aprender algo sobre mim mesma e manter sob controle meus sentimentos." A mesma filosofia move o grupo de apoio aos ciumentos patológicos do Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. O serviço é gratuito e destinado a homens e mulheres. "O objetivo é melhorar a autoestima e ajudar a controlar o comportamento de ciúme daqueles que buscam ajuda", explica Mônica Zilberman, coordenadora do projeto. "Não falamos em 'cura' até porque não se trata de uma doença em si, mas de um sintoma que pode estar exacerbado até em pessoas sem transtorno psiquiátrico."

O ciúme doentio era uma força tão poderosa na antiguidade que as Escrituras lhe PERSONIFICARAM. **"E o espírito de ciúmes vier sobre ele"**.

Havia algo tão sinistro neste sentimento que afetava o ser humano como um todo, também ESPIRITUALMENTE. Como um poder demoníaco. E em alguns momentos, será exatamente assim. Doca Street e Dorinha Duval, Eloá Pimentel e Lindenberg Alves, Sandra Gomide e Antonio Pimenta, Janken Evangelista e Ana Claudia, Djalma Veloso e Ana Alice, Nercia Nakashima e Mizael Bispo, Diego Moisés Cândido e Francisca Joelma, Sérgio Estorãos e Zulmira Tarmamade, Ana Maria Laurete e Romário Luiz, Marcos Kitano e Elize Kitano evidenciam o ponto de envolvimento maligno que tal situação pode ocasionar.



Em fevereiro de 2007, Lisa Nowak - casada e mãe de três filhos - foi acusada de tentativa de sequestro, roubo de carro e destruição de evidências, em Orlando (Flórida). A astronauta foi atrás de Colleen Shipman,



engenheira da agência, por estar namorando William Oefelein,



astronauta e piloto da missão STS-116 da nave Discovery, que foi ao espaço em dezembro de 2006 e vértice do triângulo amoroso. Ela empreendeu uma viagem alucinante de carro, saindo de Orlando ao Texas sem parar (mais de 2 mil quilômetros). Levando apenas disfarces na bagagem, Nowak usou até fraldas geriátricas para não precisar interromper a viagem. Assim que chegou, a astronauta tentou sequestrar Shipman -- que conseguiu escapar.



A mulher cuja acusação é fruto do ciúme doentio, será conduzida a um “tribunal divino”. O marido ‘traído’ quer a confirmação da ‘suspeita’ e está disposto a ver a terrível pena proposta pela maldição, cumprida, para vergonha ETERNA da acusada, que não teve a ‘sorte’ de ser pega em fragrante, já que a lei a condenaria de imediato a morte ao adúltero pego em fragrante.

Há uma condenação declarada que será INVALIDADA no instante em que o ciumento marido entrar no santuário.

Ele trás consigo uma OFERTA.

### **Começa a aqui o plano divino oculto.**

Ela é declarada como MEMORIAL DE CULPA. Mas toda oferta possui o caráter de CONCILIAÇÃO. O marido revoltado oferece um punhado de farinha seca cheia de ódio. Mas o fez diante de DEUS. E não é a OFERTA DELE. É POR ELA. Ele a trás por ELA, ele a oferece por ELA.

A OFERTA antecede a MULHER.

E é colocada DIANTE DO SENHOR. O Sacerdote então prepara a ‘água amarga’ com o pó que é feito de cinzas do chão do santuário. O que ele produz é água com cinzas que por muitos anos na antiguidade será utilizado para fazer LIXIVIA – Uma espécie de água sanitária feita a partir de cinzas, com alto poder germicida. A lixivia ainda é produzida na atualidade, leva dias para ser confeccionada. A água cinza era somente a mistura inicial do processo, sua única propriedade era a de ter o gosto amargo. Mas não produzia nenhum tipo de mal ao organismo. Era feia, era cinza, e tinha a aparência horripilante. Quanto mais límpida a água, mais pura, mais bem tratada, mais considerada no Oriente. Até a água barrenta das cheias do Jordão são consideradas como “sujas e imundas’ pelo general Naamã que o compara as águas dos rios de sua região natal. O marido estava olhando atentamente a confecção a tal ‘poção de envenenamento’ uma porcaria preta, algo que AOS SEUS OLHOS certamente TINHA PODER de AMALDIÇOAR.



Aquela **coisa medonha**, com certeza absoluta, aos olhos deles, produziria um efeito qualquer. ANTES de dar a dita ‘porcaria’ à moça acusada, ele a fazia recitar as ‘palavras da maldição’.

Depois para dar mais solenidade ainda as ESCREVA num rolo. Mas antes de qualquer coisa ele COLOCAVA A OFERTA NA MÃO da ACUSADA. Uma coisa SANTIFICADA. Ela não



soltaria a OFERTA ACEITA, feita por ELA, enquanto durasse o tal ritual. Então ele a faz recitar as palavras 'mágicas'. E as escreve em um rolo. Num livro QUE PERMANECERIA NO SANTUÁRIO. E depois as APAGA.

ELE APAGA AS PALAVRAS DA MALDIÇÃO! COM A PRÓPRIA ÁGUA QUE É DITO QUE TERÁ PODER. O tal livro de maldições era uma cópia em branco de coisa alguma. Toda maldição nele escrita fora apagada antes de produzir uma impressão continua. Só tinha MANCHAS borradas de algo que não podia ser lido. Os nomes das mulheres lá escritos também foram APAGADOS. Não serviria de EVIDENCIA após alguns anos, e toda a cena ocorrida ficaria apenas na MEMORIA do sacerdote que com o passar dos anos também esqueceria o nome da moça que um dia foi acusada...

Somente após ter APAGADO a maldição o sacerdote daria para ela a 'água amarga' enquanto ela PERMANECIA TENDO EM SUAS MÃOS a OFERTA por sua VIDA. A oferta só seria retirada de sua mão após beber a água. Essa OFERTA será MOVIDA diante de Deus num gesto que é o mesmo da CONSAGRAÇÃO dos sacerdotes. E depois colocada sobre o ALTAR. E queimada um punhado sobre ele. Todos esses gestos são para SANTIFICAÇÃO, para ESQUECIMENTO e perdão de faltas outrora cometidas. Somente após isso ela beberá pela segunda vez e depois se não TIVER COMETIDO ERRO, será imputada como INOCENTE e será abençoada. Só que o pecador só é considerado pecador até que OFEREÇA o holocausto, o sacrifício, a oblação ou a oferta. Uma vez REALIZADA A OFERENDA, ele é considerado JUSTIFICADO. A moça, independente de ter cometido o erro ou não, a LUZ do rito sacerdotal, uma vez aceita a oferta não poderia ser tida como CULPADA.

Deus declarando isso por meio de uma revelação, *propôs uma FARSA!* O **ritual de condenação é uma FRAUDE!**

É um rito de SANTIFICAÇÃO disfarçado de CONDENAÇÃO! ... Na verdade usou a favor do pecador as LEIS DO SANTUÁRIO... e como ninguém conhece melhor suas leis que ele mesmo... não há tribunal canônico do mundo que possa condená-lo por absolver antes de julgar...

Ele usou de suas LEIS para mudar a condenação em justificação, mas o faz de modo tão sutil que TRANQUILIZA e APLACA o FUROR HUMANO, já que aos olhos do **ciumento**, Deus não seria capaz tal 'trapaça' para justificar a infiel. O Pai trabalha com as regras que ele mesmo pré-estabeleceu no sacerdócio. Para impedir que **a mulher oriental pereça pela força do ciúme doentio**. Nada é mais parecido com um ritual de magia que a **o ritual das águas amargas** e nada é mais maravilhosamente protetor que tal humilhante ritual... de acusação!

Que caráter é esse, um "Deus" **que usa de inteligência para impedir crimes passionais?** Que Deus é esse que aparentemente 'transgride' suas próprias leis para impedir a morte de uma mulher, adúltera?

É o mesmo que é revelado na NATUREZA.

Salmo 65:8-13: "Tu visitas a terra, e a refrescas; tu a enriqueces grandemente com o rio de Deus, que está cheio de água; tu lhe preparas o trigo, quando assim a tens preparada. Enches de água os seus sulcos; tu lhe aplanas as levas; tu a amoleces com a muita chuva; abençoaas as suas novidades. Coroas o ano com a tua bondade, e as tuas veredas destilam gordura. Destilam sobre os pastos do deserto, e os outeiros os cingem de alegria. Os

campos se vestem de rebanhos, e os vales se cobrem de trigo; eles se regozijam e cantam.  
”

Nunca VEREMOS em toda a história do Velho testamento uma única mulher amaldiçoada pelas águas amargas.

Ele, Deus Pai, o Senhor, possui a essência da belíssima cena em que Jesus se assenta no solo e escreve com uma vara, quando é colocado como JUIZ de uma jovem pega em flagrante adultério.

E a preserva.



Wellington José Ferreira

## ANEXO

Referencia da imagem da capa

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7182820/f15.item>

Relatos jornalísticos de apoio

### **pomme homme:**

It would appear that in 1936/37 l'affaire Schmeder was something of a cause célèbre in Paris. As one might expect, it was a crime passionnelle. The facts are such that if I wasn't aware that I was reading reported fact - although always I have qualms about using that description for newspaper reports - it would be so easy to believe that I had been reading a novel or a screenplay!

So far I have collected approaching one hundred pages of news reports concerning l'affaire Schmeder. The background to the crime can be summarised as follows:

- a young woman marries an older, wealthy man
- she takes up flying and progresses to aerobatics
- her aerobatics instructor is a dashing young man, a few years younger than her
- she begins an affair with the instructor and eventually becomes his mistress
- she desires to marry the instructor
- she asks her husband for a divorce, which he refuses due to the social stigma that attaches to this
- her instructor comes from a Roman Catholic family, therefore he is not disposed to marrying a divorcée
- the instructor meets another woman and declares his intention to marry her
- spurned by her lover, the woman becomes depressed and resolves upon suicide

It would seem that the Morane Saulnier was jointly owned by Mme. Schmeder and M. Lallemand at the time of the fateful flight. Together, they take off in it from the aerodrome of Villacoublay, Paris, with the intention of flying to Chartes. Mme Schmeder in the rear cockpit and M. Lallemand in the forward cockpit. Mme. Schmeder has about her person a 6mm revolver. After a short while, she shoots M. Lallemand in the back. Fortunately for him, the bullet misses his spine and, despite his injury, he is able safely to land the aeroplane. They both disembark, but whilst M. Lallemand makes for the nearest road, Mme. Schmeder returns to the aeroplane and takes off. After this, she says, she flies aimlessly for a time, with the intention of committing suicide in remorse for the shooting of her lover. Eventually she finds herself over the Channel coast and, she says, adverse weather conditions force her out over the sea, eventually to arrive over the Sussex coast and, running short of fuel, she makes a forced landing at Selsey.

In the meantime, M. Lallemand has found help, reports the incident to the gendarmes and is taken to hospital. Fortunately his injury is not serious and in less than twenty days he is released from hospital (a fact that ultimately saves Mme. Schmeder from the guillotine). In the meantime, liaison between the French and British authorities leads to Mme. Schmeder being arrested, imprisoned in Holloway Prison, attending court proceedings in Bow Street Magistrates Court and ultimately being extradited to stand

trial in France for the attempted murder of M. Lallemand.

Being imprisoned in France whilst awaiting trial, Mme. Schmeder makes repeated appearances before the investigating magistrate. She admits the crime, claims that it was not premeditated and begs M. Lallemand to forgive her. As a result of the stress, she claims, she suffers repeated bouts of illness whilst in custody and there are suspicions that she may be pregnant. Despite everything that has happened, her husband (and her family) stands by her. Finally she comes to trial in December 1937.

The dénouement to this story is that, ultimately, the jury is not called upon to bring in a verdict at the conclusion of the trial. Shortly before this, it appears that the French Government passes legislation that gives an amnesty to those who commit crimes of violence where the injury is such that the victim is not unfit to work for more than twenty days. Thus there is no finding against Mme. Schmeder, who walks from court with the shadow of the guillotine lifted from over her.

What happened after the trial I have not yet been able to ascertain. Did Mme. Schmeder return to her husband? Did she renew her liaison with M. Lallemand? Did she continue to fly? Did either or both survive the imminent war? I have already addressed the subsequent ownership of the Morane Saulnier. However search as I might, I cannot find any reference to either Mme. Schmeder or M. Lallemand after December 1937. Thus unless and until something further on the subject comes to light, there can only be conjecture as to this.

<http://sussexhistoryforum.co.uk/index.php?topic=1881.25;wap2>

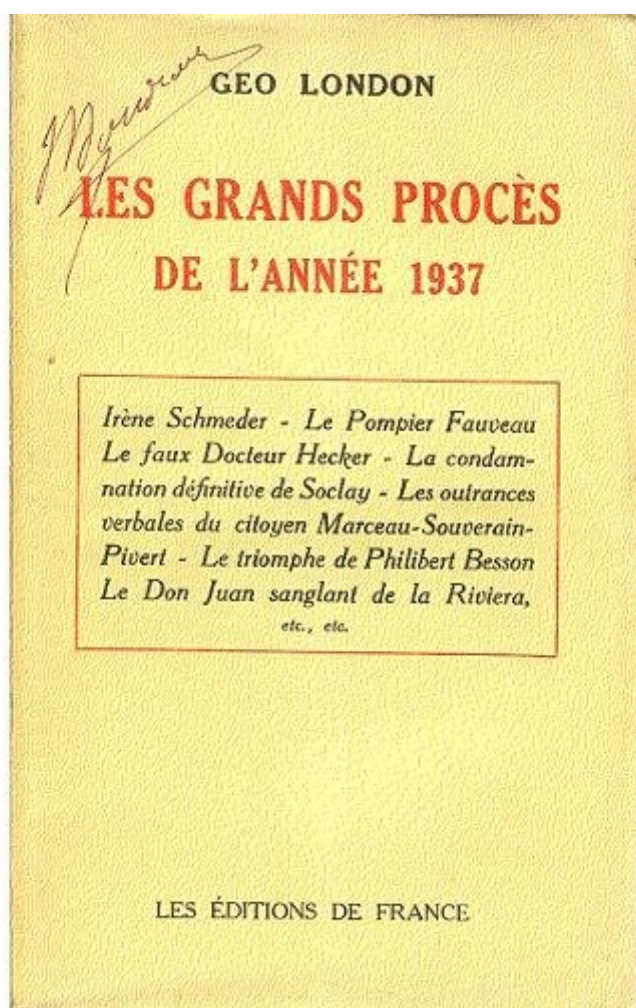
"One of her most sensational stories was of French air-women, Madame Irene Schmeder who shot her lover as she flew him across the channel because he told her their romance was finished. After he ditched her, she ditched him by pushing his body out of the plane. Shocked by her crime she crashed the plane which had been given to her by her millionaire husband to mark her success as a pilot in several European air races. The plane came down on a farm in Kent and she was rescued by the farm owner and his family and taken to their home, where a doctor was summoned. While recuperating in Kent, Irene became friendly with the family and kept in touch with them during her trial in France, where she was acquitted by a sympathetic jury on the grounds that it was a "crime passionelle" A year later the family invited her to their daughter's wedding. The fact leaked out to the press that she was to cross to England by the New Haven Dieppe ferry. Lorraine was told to charter a plane and fly to Paris immediately, locate Madame Schmeder and bring her to England so as to get a special story for the London Daily Mirror. She arrived in France and no one knew who she was for she couldn't speak French. Off she went, located Irene Schmeder and of course she didn't tell her she was a English journalist or else the French woman would have run a mile. Posing as a friend of the English family, Lorraine then had to keep Irene away from the 'snooping press'. She entertained Irene for five days, sightseeing and dining in Paris, spending lavishly her newspaper's money and spirting her across the English channel scooping her colleagues with a front page article".

Finally I have, I think, exhausted the French newspapers concerning l'affaire Schmeder. The last through which I went was le Petit Parisien (which might, not unreasonably, be described as the pre-war French equivalent of the Sun!). From that I offer a few more pictures.

The first picture is a small, but perhaps better, representation of the Morane Saulnier after its forced landing at Selsey. The second is, similarly, a smaller but better representation of the reconstruction of the crime (which indicates that Mme Schmeder and M Lallemand did indeed play themselves!). And finally there is a picture of 'the unhappy couple' in happier times!

Fortuitously in le Petit Parisien I found a February 1938 report of Mme Schmeder's attendance at the wedding, in England, of the daughter of Mr Wakely of Mill Farm, Selsey. Unfortunately it was not possible to download a copy as a jpg or pdf file (as I was able to do for all the other press cuttings) but I managed to produce a text copy of it.

So I think that, now, this is it for this topic.



]

## Irène Schmeder en face de son mari devant les jurés de Versailles

(SUITE DE LA PREMIERE PAGE)

Mais voici à la barre Fernand Chapellut, 38 ans, musicien, son autre frère.

A sa vue, Irène Schmeder commence à pleurer. Puis elle pousse des gémissements et soudain s'effondre dans les bras de ses gardes.

— Allongez-la sur le dos, s'écrie M<sup>e</sup> Thaon.

Les gardes soulèvent Mme Schmeder et l'allongent. A la barre, le frère, très ému, sanglote :

— Ma pauvre sœur !

Et, sans répondre à cet appel fraternel, Irène Schmeder, toujours allongée, hurle :

— Pierre ! Pierre !

Le président doit suspendre l'audience tandis que Fernand Chapellut lui-même se trouve mal à son tour.

Dans la hâte de l'informateur à téléphoner un incident de ce genre, nous ne soulignons pas suffisamment ce que de pareilles minutes comportent de dramatique émotion. Les cris déchirants de Mme Schmeder, l'évanouissement de son frère, l'accablement de M. Lallement qui cache son visage dans ses mains, quel pathétique ensemble.

A la reprise, Irène Schmeder a retrouvé quelque couleur. Son frère achève rapidement sa déposition :

— Je voudrais surtout dire, explique-t-il, que ma sœur était bonne et d'une bonté spontanée.

M. Lévy qui est allé voir M. Lallement à l'hôpital quelques heures après le drame, rapporte ce que furent les premières paroles du blessé.

M. Lévy. — Il m'a dit, ce qui peut paraître maintenant insensé : « Sur-tout qu'on ne prononce pas mon nom. »

Maintenant, un frémissement court dans la salle : M. Schmeder est à la barre.

M. Schmeder. — Si mon divorce avec madame Schmeder n'est pas encore prononcé, c'est que je l'ai voulu ainsi.

Il est, lui aussi, un homme loyal.

M. Schmeder. — Je voudrais faire comprendre l'effroyable drame qui s'est passé entre trois personnages : ma femme, la victime et moi. Je suis pris entre deux sentiments : la miséricorde et le souci de ne dire que la vérité.

Faisant effort pour ne pas succomber à l'angoisse qui l'étreint M. Schmeder raconte longuement comment il rencontra Irène.

— C'était une femme d'une sensibilité élevée et qui a été enlevée par une vague de fond qui a emporté sa vie.

En cherchant dans le passé, M. Schmeder reconnaît que jamais son épouse ne donna prise aux soupçons. Mais M. Schmeder préfère s'accuser d'avoir été aveugle, plutôt que de reprocher à sa femme sa dissimulation.

Devant l'immense pitié, l'éperdu désir de compréhension de M. Schmeder, que dire ? Il remercie sa femme pour le bonheur qu'elle lui a procuré et il l'excuse de l'avoir trompé.

A ce propos il a ce mot :

— On n'est pas malheureux d'un malheur qu'on ignore.

Et, en terminant :

— Je voudrais ne critiquer personne, mais j'ai le sentiment que M. Lallement lui a brisé le cœur.

Le président. — En vérité, c'est elle qui a voulu tuer M. Lallement.

Mme Schmeder (convulsivement). — Mais moi aussi j'ai voulu me tuer, et je regrette profondément de ne pas l'avoir fait.

M. le procureur pose quelques questions à M. Schmeder. Cette audition dure longtemps. Mme Schmeder joint les mains, puis s'éponge le front. Enfin, cette fois, elle a raison de sa faiblesse.

M. Schmeder quitte la barre. Le défilé des témoins se poursuit par l'audition de la première épouse de M. Schmeder. A ce rythme, on n'espère plus que les avocats puissent prononcer leurs plaidoiries ce soir.

Fernand POUÉY.

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7642076q/f3.image.r=Chapellut?rk=21459;2>

Paris Soir 4 de Dezembro de 1937